

Sarney O dono da voz

A despeito de alguns temores que surgem na seara tucana, receosos que estão seus autores das surpresas que o presidente do PMDB, Paes de Andrade, seja capaz de produzir, gente que é ao mesmo tempo ligada ao partido e ao governo faz uma análise mais fria dos fatos.

É a seguinte: não há o que temer, pois Paes de Andrade iria apenas até onde o presidente do Senado, José Sarney, considerar conveniente. De acordo com esse raciocínio, quem fornece pilha ao discurso oposicionista do PMDB é o próprio Sarney, que, por motivos óbvios, não pode sair por aí confrontando abertamente o Palácio do Planalto.

Embora nem as emas do Alvorada considerem Sarney um aliado, o jogo de conveniências entre o governo e o grupo do presidente do Senado é negócio para manual nenhum botar reparo. Fernando Henrique não gosta de Sarney, vamos falar claro. A recíproca é absolutamente verdadeira, afirmemos sem medo de cometer injustiças.

O primeiro massacrou o governo do outro numa famosa entrevista dada dois dias antes do lançamento do Plano Cruzado. Diga-se de passagem, Fernando Henrique foi ironizado pelo deputado Fernando Lyra — "ele pisou no tomateiro", foi a frase que ficou famosa —, mas a vida mostrou meses depois que o então senador pemedebista tinha lá certa razão.

O segundo manteve longe de seu governo aqueles que formavam com Fernando Henrique e que,

poucos anos depois, viriam a fundar o PSDB. Na campanha eleitoral de 1994, o país assistiu à preguiçosa e renitente adesão de Sarney à candidatura FH. Resistiu o quanto pôde e nunca expressou sua paixão.

A questão é que vigora entre os dois o respeito de dois políticos que chegaram ao cargo máximo da República e que por isso merecem reconhecimento mútuo. Não interessa que a Sarney tenha cabido o acaso, o que vale é o desempenho. E este, do ponto de vista político institucional, foi mais que correto. Garantiu a transição, atravessou momentos difíceis durante a Constituinte, manteve o país nos limites da democracia.

Se Fernando Henrique foi o segundo presidente eleito pelo voto direto depois de anos de regime militar, Sarney teve nisso uma grande participação.

Divagações à parte, tratávamos de Paes de Andrade. Sozinho, sem o grupo de Sarney, não teria sido eleito presidente do PMDB. Os votos que seriam de Jader Barbalho, se o Planalto não tivesse entrado firme para derrubar aquela candidatura, foram para Paes.

Donde a conclusão de que quem mantém Paes de Andrade vivo é José Sarney. E como ele sabe perfeitamente até onde vai e sabe também que este não é o momento para ir às últimas conseqüências, o mais provável é que volte a ser tudo como dantes no quartel de Abrantes. Ou seja, aquela saudável, habitual e amena confusão.